

O STATUS DA DEFINIÇÃO: UMA ANÁLISE DIACRÔNICA DO LEMA AMOR EM DICIONÁRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Rayne Mesquita de Rezende

Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP, Brasil.

Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP, Brasil.

RESUMO: Objetivamos executar uma análise diacrônica dos tipos de definições apresentadas nos dicionários monolíngues semasiológicos de língua portuguesa, para as unidades lexicais que designam conceitos abstratos. Para tanto, destacamos sete acervos lexicográficos, considerando, um recorte temporal que abarca desde o século XVIII, período em que veio a lume a primeira obra considerada como dicionário, o Vocabulário Portuguez e Latino (BLUTEAU, 1712-1728) até a atualidade (século XXI) representada aqui, pelo Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa (HOUAISS; VILLAR, 2009) e o Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (GEIGER, 2011). No encaço de tal proposição selecionamos o campo semântico dos sentimentos, e dentre esses, o lema amor, que será analisado sob a luz dos pressupostos teóricos da Metalexigrafia, conforme o postulado por Biderman (1984, 2001, 2003), Bosque (1994), Porto-Dapena (2002), entre outros autores que se dedicam ao estudo científico da Lexicografia nas modalidades prática e teórica.

Palavras-chave: Tipologia definicional. Análise diacrônica. Amor.

ABSTRACT: We intend to perform a diachronic analysis of the types of definitions presented in the monolingual semasiological dictionaries of Portuguese language, for the lexical units that design abstract concepts. Therefore, We highlight seven lexicographic collections, considering, a temporal cut that covers from the eighteenth century, period in which it came to light the first work considered as dictionary, the Portuguese and Latin Vocabulary (BLUTEAU, 1712-1728) until today (XXI century) represented here, by Electronic Dictionary Houaiss of portuguese language (HOUAISS; VILLAR, 2009) and the New Aulete Contemporary Dictionary of the Portuguese Language (GEIGER, 2011). In pursuit of such a proposition We select the semantic field of feelings, and among these, the lemma love, that will be analyzed in the light of theoretical assumptions of Metalexigraphy, according to the postulate by Biderman (1984, 2001, 2003), Bosque (1994), Porto-Dapena (2002), among other authors who dedicate themselves to the scientific study of Lexicography in practical and theoretical modalities.

Key words: Definitive Typology. Diachronic Analysis. Love.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

A proposta de investigação deste trabalho surgiu, com a observação de um dos aspectos da definição lexicográfica que sempre nos chamou a atenção: como definir os

conceitos cujos referentes não podem ser vistos, tocados, ou descritos por meio da listagem de suas características físicas tais como, cor, tamanho, formato, espessura etc.? Se a definição de um objeto passível de uma descrição, que permita ao consulente remontar à uma fotografia linguística do signo em sua totalidade, por vezes, já resulta em uma árdua tarefa para o lexicógrafo, definir uma unidade lexical que denomine um conceito abstrato (BIDERMAN, 1984) terá certamente, um elevado grau de dificuldade.

Segundo Bosque¹ (1982, p.114, tradução nossa; grifos do autor), Bloomfield (1933) destaca a “[...] quase impossibilidade de definir com precisão palavras como **amor** ou **ódio**”, ideia da qual, Haiman (1980) partilha e acrescenta que, tal problemática, origina-se na “[...] equação total entre a semântica e o conhecimento de mundo”. Neste sentido, entendemos que algumas unidades do léxico exigem no seu processo definicional, a inserção de aspectos extralinguísticos, visto que, sua descrição, só será viável mediante à alusão daquilo que o referente designa (coisa).

Frente ao exposto, somadas as nossas reflexões teóricas e observações depreendemos que é no campo semântico² dos sentimentos, que se faz mais visível esta constatação, e por esse motivo, elegemos como objeto de análise uma de suas unidades – o lexema **amor**, substantivo masculino de étimo latino *amōrem* (CUNHA, 2010. p.34) – que indubitavelmente é o mais atualizado no discurso cotidiano. O **amor** está presente nas letras de canções, nos textos de cunho religioso, nas gírias, assume por vezes a função de hipocorístico, nas expressões e locuções, nos adágios e provérbios...

Seu significado, inspira grandes escritores da Literatura, que a partir do conceito de amor, criam estórias e enredos em prosa e verso que atravessam gerações, como os belos romances de José de Alencar, ou o mais famoso e memorável soneto de Luís Vaz de Camões: “O amor é fogo que arde sem se ver”. Serve ainda, de inspiração para autores de novelas, na composição da trama e de seu nome. Não raro, vemos a lexia **amor**, em seus títulos.

Esta breve incursão sobre a amplitude das atualizações constantes do lexema amor, nas modalidades oral e escrita, em diversos gêneros textuais (desde o conjunto dos manuscritos

¹ “Bloomfield se refiere em *Language* a la casi imposibilidad de definir con precisión palabras como *amor* u *odio* (*love* and *hate*, en sus ejemplos). Haiman cree que ello no es más que la consecuencia de la “total equation between semantics and knowledge of the world” (BOSQUE, 1982, p.114, grifos do autor).

² Em sentido *lato*, nos valem do termo **campo semântico** como um “conjunto de unidades lexicais que partilham propriedades semânticas e configuram um universo extensional delimitável” (LOPES; RIO-TORTO, 2007, p. 85).

da bíblia sagrada à uma conversa banal nas redes sociais da internet...) auxiliou-nos na delimitação do recorte temporal de nossa proposta: fazer uma investigação diacrônica do lema **amor** nos principais dicionários de língua portuguesa.

Fundamentamos em Dubois *et al.* (2006, p.181) a compreensão de um estudo diacrônico como “[...]a investigação dos fatos linguísticos considerados na sua evolução através do tempo”. O autor afirma ainda que, “Nessa perspectiva todo estudo diacrônico é uma explicação histórica do sistema sincrônico, e os fatos diacrônicos são as mudanças sofridas pela língua”. Destarte, o próximo passo para a composição de nosso *corpus* foram as leituras teóricas sobre a história da Lexicografia da língua portuguesa, posto que, para um estudo diacrônico, o conhecimento do percurso da língua, e neste caso, de suas tentativas de registro nos dicionários ao longo do tempo faz-se indispensável para a obtenção de resultados cientificamente precisos.

Sob o aporte das três cronologias sobre publicações de dicionários – **A Ciência da Lexicografia** (BIDERMAN,1984), **Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade** (BIDERMAN, 2003) e Hebert A. Welker (2004) no texto **Uma visão cronológica**, um dos capítulos da introdução à Lexicografia escrita pelo autor – e em conjunto com alguns quesitos práticos para a feitura deste artigo elencamos, a seguir, os sete dicionários³ selecionados como fonte de investigação. O recorte diacrônico perpassa por quatro séculos – do XVIII ao XXI, e dentro deste período procuramos equiponderar, de acordo com o factível, os períodos de tempo entendidos aqui, como as sincronias entre a publicação de uma obra e outra, conforme o esquema abaixo:

-
- 1.Vocabulario Portuguez & Latino (BLUTEAU, 1712-1728) > 2. Dicionario da Língua Portuguesa (SILVA, 1813) = 101 anos (o lema amor, consta no volume 1 da obra, publicado em 1712);
 2. Dicionario da Língua Portuguesa (SILVA, 1813) > 3. Novo Diccionário da Língua Portuguesa (FIGUEIREDO, 1913) = 100 anos;
 3. Novo Diccionário da Língua Portuguesa (FIGUEIREDO, 1913) > 4. Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa (LIMA; BARROSO, 1943) = 29 anos
 4. Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa (LIMA; BARROSO, 1943) > 5. Novo Dicionário da Língua Portuguesa (FERREIRA, 1975) = 34 anos;
 5. Novo Dicionário da Língua Portuguesa (FERREIRA, 1975) > 6. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS; VILLAR, 2009) = 34 anos
 5. Novo Dicionário da Língua Portuguesa (FERREIRA, 1975) > 7. Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (GEISER, 2011) = 36 anos.
-

Tabela 1 – Elaborada pelas autoras, com base no referencial teórico supramencionado (BIDERMAN, 1984;2003), (WELKER, 2004).

³ As grafias dos títulos das obras, bem como, as dos verbetes foram reproduzidas conforme constam nas versões originais de cada acervo lexicográfico.

À primeira vista, parece haver uma dissonância no espaço temporal, uma vez que, entre a publicação das três primeiras obras, a distância é de um século, enquanto que nas quatro últimas, a distância média é de trinta anos. Convém esclarecer, que o fato decorre, por dois motivos de diferentes esferas: (i) a teórica, e (ii) a operacional, relativa às possibilidades de consulta aos dicionários.

Desse modo, ainda que identificadas nos textos teóricos, por exemplo, a existência da primeira edição do **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa** de Caldas Aulete (1881), não o acrescentamos entre os componentes do *corpus* devido à impossibilidade de acesso ao material, pois trata-se de uma edição muito rara. Pelo mesmo motivo, foi que, optamos por utilizar a segunda edição do **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, de Figueiredo (1913) em detrimento da primeira lançada no ano de 1899.

Ocorrido inverso tivemos no caso do **Dicionário da Língua Brasileira**, de Silva Pinto (1832), o primeiro dicionário a ser impresso no Brasil na “Typographia de Silva”, em Ouro Preto-MG, disponível para consulta e *download*, no site da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin / Brasileira USP, que decidimos não acrescentar entre as obras investigadas, já que não fora mencionado em nosso aporte teórico. A inserção de dois dicionários contemporâneos, o Houaiss (2009) e o Aulete (2011), por sua vez, se justifica no intento de verificarmos em linhas gerais, as formas de definição utilizadas atualmente, o que nos auxiliará em certa medida, na conclusão da proposta desta pesquisa.

Feitas as expedições acerca de nosso objetivo, materiais e métodos dos quais servimo-nos, no próximo tópico, discorreremos brevemente sobre a macro e a microestrutura de cada um dos acervos seguida das reproduções dos verbetes do lema **amor**, e por fim, os resultados oriundos das análises.

A MACRO E A MICROESTRUTURA DOS DICIONÁRIOS

Assim como na secção anterior, neste tópico, para a descrição da macro e da microestrutura dos componentes de nosso *corpus*, baseamo-nos na literatura metalexigráfica aliada à observação dos dicionários, concorde à disponibilidade destes para consulta. Ademais, retomamos alguns excertos de nossa dissertação de mestrado, produto final da pesquisa **Configurações da Linguagem em Goiás: um estudo dos regionalismos lexicais sob o viés**

metalexigráfico realizada de 2014 à 2016, no âmbito do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem, da UFG/ Regional Catalão.

A concepção dos termos **macroestrutura** e **microestrutura** adotada advém das premissas de Haensch (1982). Para o autor, a **macroestrutura** engendra a ordenação linguística dos verbetes do dicionário (onomasiológica ou semasiológica) e as três partes em que está subdividido o dicionário: a **parte introdutória**, o **corpo do dicionário** e os **anexos**. O corpo do dicionário, será, portanto, a lista dos verbetes elencados e definidos segundo a proposta lexicográfica.

Por **microestrutura**, compreendemos, a lista dos artigos lexicográficos que constituem o corpo dos dicionários e das demais tipologias de obras lexicográficas. Os artigos lexicográficos, também denominados como verbetes são as unidades mais pequenas de um objeto lexicográfico e são subdivididos em duas partes principais: o **lema**, parte enunciativa que será descrita e a **parte definitória**, que traz as descrições etimológicas, gramaticais e semântica do lema a ser descrito (HAENSCH, 1982).

Assentes nos conceitos acima, para a demonstração dos dados referentes aos sete acervos lexicográficos consultados listamos abaixo, sucessivamente: o nome do dicionário; as características da macroestrutura; as características da microestrutura. Veja-se:

1. Vocabulario Portuguez & Latino (BLUTEAU, 1712-1728):

- a. Macroestrutura: Composto por oito volumes e dois suplementos, em sua parte introdutória, no volume I, traz uma dedicatória para o rei D. João V, seguida de textos de diferentes gêneros (liras, cartas, sonetos etc.) e autores em reconhecimento ao trabalho do padre Raphael Bluteau. Logo após, constam, as licenças de publicação da obra obtidas pela ordem religiosa dos Teatinos, da qual Bluteau fazia parte e do Santo Ofício. Adiante, no “Prólogo do autor” Bluteau faz uma exaltação das qualidades de seu dicionário, além de uma espécie de desabafo, dirigido aos que de certa forma, contribuíram para o seu exílio no Convento de Alcobaça. Na sequência, o autor descreve as etapas de seu labor lexicográfico e a composição do *corpus*, por meio de um catálogo em ordem alfabética dos nomes dos autores de acordo a matéria de que tratavam. Por último, na introdução da obra, consta a lista de abreviaturas, e algumas informações sobre os autores latinos citados na obra (MURAKAWA, 2006).

- b. Microestrutura: Os elementos que compõe o verbete, estão dispostos nesta ordem: o lema, a definição sem a enumeração das acepções; a linguagem especial a que pertencia a palavra naquela época; a forma latina correspondente; depois, os exemplos em português acompanhados da referência bibliográfica e do correspondente latino. Em alguns casos, Bluteau inicia a redação do verbete com informações etimológicas, ou então com dados enciclopédicos completam a definição. Após a definição e exemplos, temos valores polissêmicos do lema e seu correspondente em latim e alguns verbetes contém adágios portugueses. O vocabulário de Bluteau registra também topônimos, o que confere ao seu dicionário características enciclopédicas (MURAKAWA, 2006).

2. Dicionario da Língua Portuguesa (SILVA, 1813):

- a. Macroestrutura: A segunda edição do dicionário de Morais Silva (1813) em dois volumes, contempla na introdução, dados sobre o objetivos do autor, começando pela preocupação com o tamanho da obra e sua relação custo/benefício. As características tipológicas do Morais, aproximam-no de um dicionário de uso. Com aproximadamente 50.000 entradas, o dicionário traz em suas definições uma descrição linguística, deixando à parte as descrições demasiadamente enciclopédicas. Registra a norma culta do português do século XVIII, com base mormente, nos escritores do século XVII, embora, em menor proporção, utilize registros escritos dos séculos XV e XVI. Comtempla também, os níveis de fala ou registro (chulo, familiar, vulgar etc.), termos técnicos e variantes regionais. (MURAKAWA, 2006).
- b. Microestrutura: O verbete, apresenta a seguinte ordem: lema/entrada; a classe gramatical; as acepções não enumeradas; os exemplos de cada acepção acompanhados da referência bibliográfica completa. Nos casos em que são pertinentes, figura a indicação dos níveis de registro, variação regional, ou tecnicismos. Neste dicionário não constam as etimologias das entradas. (MURAKAWA, 2006).

3. Novo Dicionário da Língua Portuguesa 2ª ed. (FIGUEIREDO,1913):

- a. Macroestrutura: A parte introdutória deste dicionário, que funciona como uma proposta lexicográfica inicia-se com o “Preâmbulo”, em que Figueiredo destaca que a obra está na segunda edição revista e aumentada. Seguem-se a “Razão da obra”,

no qual o autor faz diversas críticas aos dicionários gerais de língua portuguesa que antecederam o seu. Depois, temos em “Os materiais da obra”, as informações sobre a bibliografia utilizada para a composição do *corpus*. Na sequência, o autor discorre sobre a feitura do dicionário no tópico “Processo da obra”. Figuram aqui como subtópicos: “A ortographia”; “A pronúncia”; “A accentuação gráfica”; “A etymologia” e “A grammática”. A introdução da obra, conta ainda com uma “Chave de Sinaes e Abreviaturas”. Constam nas últimas páginas do dicionário dois apêndices. O primeiro, o “Appendice Geográfico”, no qual Figueiredo (1913) discute sobre a ausência de uma norma oficial que padronize segundo as regras da ortografia da língua portuguesa de seu tempo, a escrita dos topônimos portugueses, que vinham sendo alteradas na pronúncia e na grafia por conta da influência estrangeira, principalmente a francesa. Depois, o “Appendice Onomástico” – uma lista de nomes próprios de pessoas com seus significados e origem.

- b. Microestrutura: A estrutura do verbete contempla o lema/entrada; a classificação gramatical; as acepções, que não são enumeradas. Quando existentes, as marcas de uso e os exemplos aparecem em itálico após dois pontos (:). A etimologia está no final do verbete.

4. Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, 3ª ed. (LIMA; BARROSO, 1943):

- a. Macroestrutura: Aurélio B. de H. Ferreira, autor do “Prefácio” e um dos colaboradores deste acervo apresenta na referida seção, uma síntese da história da Lexicografia brasileira até a década de 1940, acompanhada de algumas explicações sobre o que traz o dicionário, deixando entrever alguns pontos de sua proposta lexicográfica. Figura também, na parte introdutória, a lista de “Abreviaturas e sinais”, seguida das “Instruções para a organização do vocabulário ortográfico da língua portuguesa”. Não é mencionada a quantidade de verbetes registrada no corpo do dicionário. Este dicionário traz ainda, sob o título de “Apêndice”, uma “Lista de palavras e expressões estrangeiras frequentemente utilizadas” escrita por Paulo Rónai. Grande parte das expressões são latinas.
- b. Microestrutura: A estrutura dos verbetes encerra: o lema; a categoria gramatical; as marcas de uso, em alguns casos a variação ortográfica de cada lema e a definição. As acepções não são enumeradas e as definições não são exemplificadas nem abonadas.

5. Novo Dicionário da Língua Portuguesa (FERREIRA, 1975):

- a. Macroestrutura: Observamos, em sua parte introdutória, um prefácio escrito por Ferreira, que faz as vezes de proposta lexicográfica, abordando, em linhas gerais, as diretrizes de composição do dicionário. A quantidade de verbetes registrados não é informada. Ainda na introdução constam o “Formulário Ortográfico”, a “Nomenclatura Gramatical Brasileira” e, por último, a lista das “Abreviaturas, siglas e sinais convencionais usadas neste dicionário”. Ao final do dicionário, Ferreira (1975) apresenta a bibliografia utilizada na composição do *corpus*.
- b. Microestrutura: Cada verbete compõe-se de: lema, etimologia, em alguns casos, categorização gramatical, marcas de uso (quando o lema possui), acepções enumeradas e para certos lemas, exemplos e/ou abonações. Este dicionário não traz nenhum tipo de anexo depois de sua parte principal/corpo.

6. Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa (HOUAISS; VILLAR, 2009):

- a. Macroestrutura: Na parte introdutória, o “Prefácio” traz a quantidade de entradas, que é de cerca de 146.000, além da informação de que esta edição de 2009, publicada pela Editora Objetiva, adota a microestrutura do Grande Houaiss publicado em 2001, com uma redução da quantidade de entradas, situando-se entre o Grande Houaiss e o Minidicionário, lançado também em 2001. A seção “Detalhamento dos verbetes e outras informações” é dividida em onze grandes campos – entrada, campo da ortoépia e da pronúncia, campo da datação, campo do conteúdo ou das definições, campo da gramática, campo da etimologia, campo dos sinônimos, campo dos antônimos, campo dos coletivos, campo dos homônimos e dos parônimos e campo das vozes de animais, contendo, cada qual, a descrição dos parâmetros adotados para a organização dos verbetes. Como último informe nesta seção consta um pequeno quadro, com a ordenação de todas as partes do verbete, intitulado “Ordem completa dos elementos de um verbete”. A “Chave do dicionário” demonstra, em uma espécie de reprodução ampliada de um verbete, com as partes que este pode conter, conforme as particularidades de cada qual.
- b. Microestrutura: Esta é ordem completa dos elementos que podem conter verbete, de acordo com as necessidades de descrição de cada lema, o que quer dizer que, nem todos os verbetes apresentaram necessariamente todas estas informações: 1 entrada; 2 ortoépia/ pronúncia; 3 língua/ marca registrada; 4 classe gramatical; 5 datação; 6

acepções numeradas; 7 regências; 8 derivação semântica e acepção restritiva; 9 rubrica temática; 10 regionalismo; 11 nível de uso; 12 estatística de emprego; 13 registro diacrônico + plural com sentido próprio; 14 locuções; 15 gramática; 16 etimologia; 17 sinonímia; 18 antonímia; 19 coletivos; 20 homonímia; 21 paronímia; 22 vozes de animais.

7. Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (Organizado por GEIGER, 2011):

- a. Macroestrutura: Sua parte introdutória contém o “Prefácio”, a “Proposta Lexicográfica”, informando, a quantidade de verbetes –cerca de 75.000, o total aproximado de acepções de 200.000, a classificação tipológica do acervo como um dicionário médio, e o público-alvo ao qual se destina: estudantes do ensino médio, nível pré-universitário, universitário, além dos usuários da língua de modo geral. Na sequência, temos um “Breve guia para o estudante”, com a definição dos termos da Lexicografia, que compõem um dicionário, quais sejam, o verbete, o lema, as acepções, as rubricas a definição e as achegas enciclopédicas. Em seguida, a seção “Como usar este dicionário – um guia completo” traz como subtópico a forma como estão organizados os verbetes. Logo após, temos, a lista das “Abreviações usadas no dicionário”. A próxima seção é “Uma pequena gramática”, que aborda os conteúdos basilares para a compreensão da gramática da língua portuguesa, sob uma perspectiva descritiva, e por fim, os “Paradigmas de conjugação” – 61 quadros com modelos de conjugação dos principais verbos da língua. O último elemento da parte introdutória é a tabela com os postos da “Hierarquia Militar Brasileira”. Consta como apêndice nas páginas finais do dicionário, uma lista com os “Gentílicos Brasileiros”.
- b. Microestrutura: O tópico “Estrutura” demonstra como os componentes do verbete estão organizados, concorde as necessidade as de descrição de cada lema, o que significa que nem todos os verbetes apresentaram obrigatoriamente estes elementos: 1. Entrada; 2. Separação silábica; 3. Homógrafo; 4. Elemento de composição; 5. Estrangeirismo; 6. Marca de símbolo ou sigla; 7. Ortoépia; 8. Classe gramatical; 9. Número de acepção; 10. Definição; 11. Indicação de contexto; 12. Sinônimo; 13. Exemplo, abonação; 14. Regência Verbal; 15. Preposição; 16. Achega de definição; 17. Remissiva; 18. Nota; 19. Achega gramatical; 20. Achega de verbete (etimologia,

homonímia, paronímia); 21. Locução ou expressão idiomática; 22. Achega enciclopédica.

Acreditamos que as descrições genéricas dois eixos centrais que compõem um dicionário contribuem para o entendimento das análises posteriores, posto que, a forma como cada qual está estruturado, em certa medida, já aponta para os possíveis resultados. Todavia, o centro de nossa atenção está na **microestrutura** – conjunto dos artigos lexicográficos, que são um texto ou discurso de caráter metalinguístico formado pela junção de informações sob diversos aspectos da língua.

Sobre o registro e organização dessas informações, que perpassam os níveis gramaticais lexicais e discursivos da língua, tornando a **definição** a mais difícil das atividades lexicográficas (PORTO-DAPENA, 2002) discorreremos *et. seq.*

NAS TRAMAS DA DEFINIÇÃO: TIPOLOGIAS E MODELO ANALÍTICO

Na esfera dos estudos metalexográficos, quando o assunto é a definição são decorrentes as variações terminológicas de suas tipologias, de acordo com cada vertente teórica e autor, fato que, embora constitua um campo vasto para discussão, não é o escopo deste trabalho. Desta feita, tomamos de empréstimo os pressupostos teóricos de Porto-Dapena (2002) como suporte para a avaliação da definição em cada dos verbetes da unidade lexical **amor** dos dicionários selecionados para a realização do cotejo em uma perspectiva diacrônica, concorde ao nosso propósito.

Antes de adentrarmos na tipologia das definições, é de suma importância a reflexão sobre o instrumento de que a definição se serve – a linguagem – que atua concomitantemente para a sua realização e como o fator particularizante do dicionário, no que infere ao gênero textual. O processo de comunicação evidencia algumas funções típicas da linguagem. Das funções listadas por Jakobson⁴ (*apud* BIDERMAN, 2001) é a metalinguística que se reporta ao código quando, durante a transmissão de uma mensagem, o emissor busca recursos linguísticos para explicar os dados do código linguístico que não foi compreendido pelo receptor.

Biderman (2001) salienta que é por meio da metalinguagem que ampliamos nosso conhecimento de mundo, através das descrições de conceitos linguísticos e extralinguísticos

⁴ O modelo proposto por Jakobson sistematiza seis funções: 1ª) função emotiva; 2ª) função conotativa; 3ª) função fática; 4ª) função metalinguística; 5ª) função poética; e 6ª) função referencial (BIDERMAN, 2001, p. 31-35).

que enriquecem a nossa competência lexical. Não por acaso, os dicionários que têm justamente o propósito de registrar os signos e elucidar seus significados e sentidos “[...] utilizam a metalinguagem como veículo de informação sobre o valor semântico de uma palavra e sobre seu uso linguístico” (BIDERMAN, 2001, p. 35).

Na prática lexicográfica, a função metalinguística apontada por R. Jakobson (1963), converte-se na principal das funções que podem ser desempenhadas pela linguagem, pois é a metalinguagem empregada na composição de todas as definições, obviamente, com algumas diferenças fundamentais. Porto-Dapena (2002) assevera que a metalinguagem, na esfera lexicográfica adquire duas feições:

- ❖ a **metalíngua do conteúdo**, que descreve o conceito do *definiendum* sendo nos dicionários, a empregada com mais frequência. Neste caso (quando a definição for elaborada de forma correta) haverá a equivalência semântica entre o *definiendum* e o *definiens*;
- ❖ a **metalíngua do signo**, conforme a sua denominação descreve os valores da palavras-entrada como signos. Este tipo de metalíngua, via de regra é aplicado nas definições de unidades lexicais gramaticais destituídas de significação fora de um contexto de uso. Ocorrerá com a sua aplicação, a equivalência semiológica entre o *definiendum* e o *definiens*.

De igual maneira, não podemos deixar de lado os princípios que regem a definição, interpretados aqui, como a soma dos objetivos do acervo lexicográfico e da metalíngua empregada. Ordenados segundo o seu grau de importância, temos: o princípio da **equivalência**; princípio da **comutabilidade** ou **substituição**; princípio da **identidade categorial** ou **funcional**; princípio da **análise**; princípio da **autossuficiência**; e princípio da **transparência**.

Na sucessão dos trâmites para a composição da definição, no que infere à sua forma e conteúdo, após a determinação da metalíngua e dada a devida atenção aos princípios regentes, as taxonomias dos tipos da definição concluem as etapas para a feitura das acepções. Em meio a uma diversidade de terminologias ofertadas pelas diversas vertentes da (Meta)Lexicografia, que via de regra, diferem tão somente na designação, porém são idênticas na sua essência recopilamos as taxes organizadas por Porto-Dapena (2002).

A distinção basilar e mais importante será entre os dois grandes grupos: o da **definição enciclopédica/real**, que descreve as coisas, ou seja, o **conceito** do *definiendum*, e o da **definição lexicográfica/(meta)linguística**, que explica o *definiendum* enquanto unidade do léxico.

Dentro desses dois grupos maiores surgem os subtipos, por conta da necessidade de adequação da explicação a ser feita segundo as exigências da unidade lexical definida, a saber:

Definição enciclopédica/real – subtipos:

- definição descritiva;
- definição teleológica e genética;
- definição ostensiva/ mostrativa

Definição lexicográfica/(meta)linguística – subtipos:

- definição conceptual;
- definição funcional/explicativa (esta, por sua vez, segmenta-se em três subdivisões: funcional morfossintática; funcional contextual e funcional pragmática);
- definição híbrida (enciclopédica + lexicográfica)
- definição sinonímica (apresenta subdivisões: sinonímica simples; sinonímica complexa/cumulativa; parassinonímica; mista; pseudoperifrástica);
- definição perifrástica (subdivide-se em três grupos menores: *perifrástica substancial; perifrástica relacional, perifrástica morfossemântica);
 - a definição perifrástica substancial, também apresenta algumas subclassificações: a perifrástica substancial inclusiva positiva (hiperonímica); perifrástica substancial inclusiva negativa; perifrástica exclusiva/antonímica; perifrástica participativa/metonímica ; a perifrástica aproximativa/analógica.

A quantidade de tipos de definições e as minúcias que as distinguem, denota a dificuldade de elaboração do *definiens*, bem como a dificuldade de caracterização ao observarmos uma definição. Além disso, por vezes podemos encontrar traços de diferentes taxonomias em uma única definição, ora porque essa mescla atende à uma exigência da unidade definida, ou ainda, por um equívoco do lexicógrafo.

Expusemos as imbricações que devem ser levadas em conta para a construção de uma definição, para posteriormente tomá-las como modelo de análise. Passamos assim, da explanação da fundamentação teórica para a sua aplicação na prática. Para tanto, fizemos a transcrição *ipsis litteris* de uma parcela dos verbetes dos sete dicionários, das quais, optamos por não reproduzir listas extensas de sinônimos, expressões fixas/fraseologismos e exemplos, pois constatamos que não seriam partes imprescindíveis, já que a observação de seu registro ou

ausência não configuram o nosso foco de investigação, e a sua transcrição⁵ tornaria este texto demasiadamente extenso. Ademais, no tópico “A macro e a microestrutura dos dicionários”, fizemos a descrição da ordenação completa dos elementos do verbete.

Reproduzimos abaixo, os verbetes enumerados conforme a data de publicação dos dicionários, assim como no exposto anteriormente. A sequência numérica, tem ainda uma segunda finalidade: para evitarmos a repetição dos nomes dos dicionários, doravante, aludiremos a cada um deles pelo número que lhes foi atribuído:

1. Vocabulário Portuguez & Latino

AMOR. Desde o throno de Deos até a mais ínfima creatura, tudo no mundo he amor. Em Deos consideraõ os Theologos o amor essencialmente, nocionalmente, & pessoalmente. Este amor divino, considerado essencialmête he o acto da vontade, com o qual as três divinas pessoas se amaõ; considerado nocionalmente he, aspiração activa, com o qual o Pay, & o Filho, amado, produzem o Espirito Santo; considerado pessoalmente he o termo produzido do pay, & do filho, que se amaõ; & este termo he o Espirito Santo. No homem o amor (geralmente falando) he uma inclinação da vontade para o que lhe parece bem, ou por via do entendimento, que o assim julga, ou pelas potencias, & sentidos externos, que assim representaõ. Destas duas fontes de amor se derivaõ outros muitos amores, a saber, [...] (BLUTEAU, 1712, p.345).

2. Dicionario da Lingua Portuqueza.

AMÔR, s. m. Sentimento, com que o coração propende para o que lhe parece amável, fazendo disso o objeto de suas afeições, e desejos. [...] (MORAIS SILVA, 1813, p. 124).

3. Novo Dicionário da Língua Portuguesa.

amor *m.* * Conjunto de fenómenos cerebraes e affectivos, que constituem o instinto sexual. Afeição profunda de alguém a indivíduo de sexo differente. Objecto dessa afeição: [...]. Affecto a pessôas ou coisas: [...]. Paixão. Enthusiasmo. * *Ant.* Favor, graça mercê. * *Fam. Loc. prepos.* *Por amor de*, por causa de: fugiu logo, *por amor de evitar a polícia.* (Lat. *amor*). (FIGUEIREDO, 1913, p.111).

4. Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa.

Amor (ô), *s. m.* Afeição profunda; objeto de dessa afeição; conjunto de fenômenos cerebrais e afetivos que constituem o instinto sexual; afeto a pessoas ou coisas, paixão; entusiasmo; Cupido; [...] (LIMA; BARROSO, 1943, p. 72).

5. Novo Dicionário da Língua Portuguesa.

Amor (ô). [Do lat. *amore*] *S. m.* **1.** Sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem, ou de alguma coisa: [...]. **2.** Sentimento de dedicação absoluta de um ser a outro ser ou a uma coisa; devoção, culto; adoração: [...]. **3.** Inclinação ditada por laços de família:[...]. **4.** Inclinação forte por pessoa de outro sexo, geralmente de caráter sexual, mas que apresenta grande variedade de comportamentos e reações [...]. **5.** *P. ext.* Atração física e natural entre animais de sexos opostos: [...]. **6.** Amor (4)

⁵ Os pontos entre os colchetes – [...] – sinalizam que houve supressão dos exemplos, abonações e grande quantidade de sinônimos presentes nas obras lexicográficas, bem como em algum dos acervos, dos nomes de autores de onde foram retiradas os exemplos, sinônimos e expressões sintagmáticas/fraseologismos.

passageiro e sem consequência; capricho:[...]. **7.** Aventura amorosa; amores (3): [...]. **8.** Sentimento equivalente ao amor no caso do homossexualismo. **9.** Afeição, amizade, carinho, simpatia, ternura. **10.** Inclinação ou apego profundo a algum valor ou a alguma coisa que proporcione prazer; entusiasmo, paixão:[...]. **11.** Muito cuidado, zelo, carinho: [...]. **12.** O objeto do amor (1 a 9). **13.** *Mit.* Cupido. [...]. (FERREIRA, 1975, p.87).

6. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.

amor \ô\ *s.m.* (1275) **1** forte afeição por outra pessoa, nascida de laços de consanguinidade ou de relações sociais. **2** atração baseada no desejo sexual. **3** *p.ext.* relação amorosa; caso, namoro [...]. **4** *p.ext.* atração sexual natural entre espécies animais. **5** afeição baseada em admiração, benevolência ou interesses comuns; forte amizade [...]. **6** *p.met.* a pessoa ou a coisa amada (tb. us. no pl.) [...]. **7** devoção, adoração [...]. **8** *fig.* devoção de uma pessoa ou um grupo de pessoas por um ideal concreto ou abstrato [...]. **9** *p.met.* o objeto de tal interesse ou veneração [...]. **10** demonstração de zelo, de dedicação [...]. **11** MIT divindade que personifica o amor, como Cupido (Eros para os gregos). **12** MIT cada uma das divindades infantis subordinadas a Vênus e a Cupido. □ *amores* *s.m.pl.* **13** ANGIOS *SP* m.q. *carrapicho* (*Desmodium discolor*). **14** ANGIOS m.q. *bardana-menor* (*Arctium minus*) [...].

7. Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa.

amor (a. *mor*) [ô] *sm.* **1** Sentimento que faz alguém quere o bem de outrem ou de alguma coisa [...]. **2** Afeto profundo, devoção de uma pessoa a outra [...]. **3** Sentimento terno e calorosa de uma pessoa por outra, inclusive de natureza física e sexual: [...]. **4** Relação amorosa [...]. **5** O ato sexual [...]. **6** Inclinação, apego ao que desperta prazer ou empatia [...]. **7** *Rel.* sentimento de devoção a Deus; VENERAÇÃO. **8** O ente objeto do amor: [...]. **9** Cuidado, zelo, dedicação: [...]. **10** *Mit.* Cupido. [F. Do lat. *amor, oris*] (GEIGER, p. 100).

Da observação dos verbetes sob as diretrizes para a elaboração da definição postuladas por Porto-Dapena (2002) constatamos que no quesito **metalinguagem empregada**, todas as definições (da nº1 até a nº 7) foram executadas na **metalíngua do conteúdo**, porque fazem uma explicação do que é o **significado / conceito** designado pelo significante **amor**, apresentando assim, o seu equivalente semântico.

Quanto aos **princípios da definição**, apenas na definição do verbe n°1 não identificamos a o princípio da equivalência que, prima pela identidade completa de valores semânticos em extensão e compreensão. A forma como Bluteau (1712) construiu as acepções, especialmente a primeira, não possibilita a permuta do significante pelo significado, já que transparece antes de mais nada, o conhecimento extralinguístico do autor como alguém que identifica o conceito do *definiendum* **amor** sob a ótica religiosa.

O restante das definições analisadas nos verbetes dos nº 2 ao nº 7 encerram todas as propriedades essenciais contempladas pelos cinco princípios fundamentais (equivalência; comutabilidade ou substituição; identidade categorial ou funcional; princípio da análise;

princípio da autossuficiência), com exceção apenas do princípio da transparência, que está voltado para os dicionários terminológicos, o que não procede em nenhum destes casos.

No que tange às tipologias definicionais, detectamos três tipos, sintetizados na tabela a seguir:

Verbetes/ N ^{os}	Tipo de definição
N ^o 1	Definição enciclopédica , cujo carácter principal, é a “descrição pormenorizada da realidade representada” (PORTO-DAPENA, 2002, p. 278) pelo <i>definiendum</i> amor.
N ^o 2, n ^o 5, n ^o 7	As três definições são do tipo linguística perifrástica substancial inclusiva positiva , que é constituída pelo gênero próximo (o arquilexema/ hiperônimo sentimento) e uma diferença específica/hipônimo, que distingue pelos traços semânticos particulares de o significado dos demais que podem ser abarcado pelo hiperônimo (PORTO-DAPENA, 2002).
N ^o 3, n ^o 4, n ^o 6	O conjunto das acepções, leva-nos a classificar estas definições como enciclopédicas descritivas , que segundo Porto-Dapena (2002, p. 280) “mais do que definições propriamente ditas, as quais responderiam a pergunta “o que é o definido”? indicam as propriedades ou características deste ou o que é o mesmo que responder a pergunta “como é o definido”?”

Tabela 2 – Elaborada pelas autoras, com a finalidade de demonstrar os resultados alcançados a partir da observação dos verbetes transcritos e avaliados sob o aporte teórico apresentado por Porto-Dapena (2002).

Feitas as análises em conformidade como os paradigmas propostos por Porto-Dapena (2002), retornamos ao fulcro deste trabalho, externado em nosso objetivo: fazer uma análise diacrônica dos tipos de definições apresentadas nos dicionários monolíngues semasiológicos de língua portuguesa para as unidades lexicais que designam conceitos abstratos, e entre essas o lexema **amor**. Ao longo de todo o processo para a composição deste texto atentamos para quais seriam as possíveis mudanças, ou quais fatores permaneceram no decurso dos anos no *modus definiendi*.

Então, chegamos à conclusão de que a questão diacrônica, não é o fator determinante como havíamos hipotetizado ser, no rol da elaboração da definição. Obviamente, com o passar dos séculos surgiram novos recursos, que colaboram no trabalho com a redação dos dicionários, como as valiosas ferramentas da Linguística de *Corpus* e da Linguística Computacional, através da inserção dos microcomputadores e programas para a composição dos bancos de dados, dos quais serão extraídas a macro e a microestrutura dos acervos lexicográficos tornando tal labor mais dinâmico e amplo, sem contudo exercer a influência que cogitamos.

Neste ponto, chegamos a outro fator que reforça nossa constatação: ao observarmos a microestrutura e tipologia definicional dos dicionários n^o 6 e n^o7, obras contemporâneas do século XXI, (a distância entre as publicações é de apenas dois anos) percebemos que, graças à

utilização dos *corpora* informatizados houve um aumento significativo de acepções, bem como dos elementos componentes do verbete. Entretanto, as diferenças entre o *modus definiendi* de ambas certificam que a temporalidade, não consiste no quesito primacial para a construção da definição. Caso fosse, não identificaríamos a simetria por exemplo, das tipologias definicionais de nº2 e nº7 (ambas classificadas como do tipo linguística perifrástica substancial inclusiva positiva/ gênero próximo e diferença específica) redigidas com o espaço de quase dois séculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi a de fazer uma análise diacrônica em um recorte temporal que abrange do século XVIII ao XXI, dos tipos de definição presentes nos dicionários de língua portuguesa para o significante amor, unidade lexical de conceito abstrato.

Ao contrário da suposição inicial, de que diacronia poderia ter influência significativa nas formas de elaboração das definições dos dicionários selecionados – o **Vocabulário Portuguez & Latino** (BLUTEAU, 1712-1728), o **Diccionario da Língua Portuguesa** (SILVA, 1813), o **Novo Dicionário da Língua Portuguesa** (FIGUEIREDO, 1913), o **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa** (LIMA; BARROSO, 1943), o **Novo Dicionário da Língua Portuguesa** (FERREIRA, 1975), o **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa** (HOUAISS; VILLAR, 2009) e o **Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa** (GEISER, 2011) – chegamos à conclusão de que o fator temporalidade interfere, acima de tudo, nas questões instrumentais composição dos produtos lexicográficos.

Se a refutação de nossa hipótese, foi em primeiro momento, insatisfatória, posteriormente, nos servirá de impulso para investigação historiográfica da Metalexigrafia, com o fito de verificar em que momento esta ciência passou a sistematizar a classificação dos tipológica de seus produtos nas esferas macro e microestrutural e por conseguinte, quais as implicações dessa sistematização na prática lexicográfica.

Destarte, encerramos nossas considerações finais com a frase “Os verbetes do dicionário são como lâmpadas que ascendemos quando está escuro e não vemos nada ou vemos apenas sombras” (SILVA, 2011. p. 5), que resume perfeitamente as intrincadas relações entre o linguístico e o extralinguístico a serem consideradas no momento do labor lexicográfico, especialmente na construção das acepções e definições.

REFERÊNCIAS

AULETE, Júlio Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Edição organizada por Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da Lexicografia. **Alfa**. São Paulo, 28 (supl.), n. 42, p. 1-26, 1984.

_____. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. **Alfa**. São Paulo, n. 47, v. 1, p. 53-69, 2003.

_____. **Teoria Lingüística**: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario Portuguez & Latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>. Acesso em 30 set. 2016.

BOSQUE, Ignacio. Sobre la teoría de la definición lexicográfica. **Verba**. Madrid, n.9, p. 105-123, 1982.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 5. reimpr. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2015.

DAPENA, José Álvaro Porto. **Manual de Técnica Lexicográfica**. Madrid: Arco/Libros S.A., 2002.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Linguística**. 10. reimpr. 1. ed. de 1978. São Paulo: Cultrix, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FIGUEIREDO, Candido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. Lisboa: Liv. Ed. Tavares Cardoso & Irmão, 1913. Disponível em: www.dicionario-aberto.net/dict.pdf. Acesso em: 30 set. 2016.

HAENSCH, Günther *et al.* (Org.). **La Lexicografía** – de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**, Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda., Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

LIMA, Hidelbrando; BARROSO, Gustavo (Org). **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 9. ed. rev. e aum. São Paulo: Editora Civilização Brasileira S/A, 1943.

LOPES, Ana Cristina Macário; RIO-TORTO, Graça. **Semântica**. Lisboa: Editorial Caminho, 2007. (Coleção Essencial sobre Língua Portuguesa).

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. **António de Morais Silva**: Lexicógrafo da Língua Portuguesa. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Dicionário da Língua Brasileira**. Ouro Preto-MG: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/3>. Acesso em: 30 set. 2016.

REZENDE, Rayne Mesquita de. **Configurações da linguagem em Goiás**: um estudo dos regionalismos lexicais sob o viés metalexigráfico. 2016. 207 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás / Regional Catalão, Catalão, 2016.

SILVA, António de Morais. **Dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813, 2v. <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/2>. Acesso em: 30 set. 2016.

SILVA, Deonísio. Prefácio. In: GEIGER, Paulo (Org.) AULETE, Júlio Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários** – uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.